

JORNAL: Journal do Brasil LOCAL: Quamabara

DATA: 21 10 1942 AUTOR: _____

TÍTULO: Livismo mais fácil de vender

ASSUNTO: Fase Negra: "Elas fazem história, mas não põem quadros na parede" será?

para' interesse
em guarda?
rasgar?
so tudo
1 quadro

Dejanira (cost)

LIBRISMO MAIS FÁGIL DE VENDER



Dejanira Coutinho sempre pintou sem olhar muito para a escola nem para os professores ensinavam

Dos 55 quadros de Dejanira Coutinho que estarão expostos até amanhã na Galeria Chica da Silva, apenas dois não foram vendidos. Os temas de sua pintura, ligados à natureza, representam girassóis, aves, parques, o mar, num estilo que ela mesma define de "impressionismo moderno e pontilhado", de acordo com a tranquilidade de seu espírito e de sua vida. Comentando o interesse despertado nos compradores por seus quadros — que nada têm a ver com a arte de vanguarda — o crítico Waldir Avelar afirmou:

— A cor e a forma têm sempre um sentido de festa e alegria, que tornam este tipo de arte mais fácil de vender. Isto não acontece com as formas mais agressivas de arte, como no caso da fase de terror ou fase negra de Ivã Seipa. Elas fazem história, mas não põem quadros na parede. Mas esta demanda por um decorativismo muitas vezes sem compromisso sempre existiu, e não significa um movimento geral da sociedade no sentido de negar as ideias mais vanguardistas de arte.

A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO

Com 76 anos de idade, Dejanira Coutinho teve contato com a pintura desde cedo, mas só agora decidiu-se a realizar uma mostra. O pai, juiz em Minas Gerais, era homem culto e colecionador de quadros, e a mãe tocava piano e citara. Aos 16 anos iniciou estudos formais de pintura, na Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, onde frequentou o escultor Bernadelli e do pintor Eugênio Lator.

— Nunca pensei em expor porque ainda não havia surgido uma oportunidade, e não por medo de que a arte estivesse muito adiantada. Aliás, os modernos protestam quando ouvem dizer que a minha pintura é clássica, acadêmica. Ela tem um pouco de impressionismo, mas moderno e pontilhado. Eu sempre pintei sem olhar muito escola, nem o que os professores ensinavam. Eu fazia uma coisa toda minha — sou uma pessoa muito comigo mesmo.

FAMÍLIA DE ARTISTAS

Depois de casada, Dejanira foi morar em Belo Horizonte, e lá recebeu aulas do pintor Alberto André Delino, tornando-se grande amiga de Guignard, professor de seu filho Heitor Coutinho, que ele considerava seu aluno predileto. Sempre rodeada pelos três filhos artistas, Heitor, Lígia e Leda, Dejanira di-

vide seu tempo entre uma casa em Aracuaia e o apartamento da Vieira Souto. Neste, vêem-se os quadros de Heitor e Lígia e as esculturas feitas por Leda. E houve até uma época, na 11ª Bienal, em que os três estiveram reunidos na mesma sala.

— Em casa, tudo para mamãe é motivo de pintura — diz Lígia. — Mãe lhe escapa. Se move um passarinho, se vê uma flor, ela pinta.

— Eu gosto de pintar tudo o que é belo — diz ela —. Um pássaro, o céu cheio de nuvens, uma árvore, as galvo-tas. Mas principalmente o mar, quando está revoltado — eu não gosto do mar tranquilo. Aqui da janela do apartamento mesmo eu já pintei um saveiro. E nem preciso de cavalete. Pego uma tábuia, um pedaço de papelão, e pinto, sem conforto nenhum.

O REFLEXO DO PASSADO

Dejanira Coutinho nasceu em Santo Antônio do Monte, no sertão de Minas, mas as contínuas viagens necessárias devido a profissão do pai não deixaram que se ligasse emocionalmente a uma cidade em particular — antes contribuíram para uma ligação maior com a família, principalmente com o pai.

— Para mim e meus irmãos, eu da maior alegria a notícia de uma remoção dele. Eu já imaginava a panelinha do trem para ir olhando a paisagem.

Aos 16 anos, só veio estudar pintura no Rio por insistência do pai, que queria dar a filha "um aperfeiçoamento do espírito com a pintura, uma arte pouco cultivada pelas moças brasileiras, mas que é um verdadeiro dom, que traz realce no meio social onde se vive" — como escreveu numa carta para Dejanira, que ela recorda até hoje, palavra por palavra.

— Ele queria dar a cada filho uma arte. A minha irmã é violinista. Ele tinha uma expressão muito típica, que eu nunca esquecerei: "Quando te sobram dois pães, vende um e compra um livro."

E é toda impressão de livismo, herança do passado, o que fica de sua exposição, um toque pessoal e feminino, o levou a proprietária da galeria, Kalin Murtinho, a afirmar:

— Hoje as pessoas têm uma ansiedade de paz, tranquilidade e beleza, que em exposições como esta, com trabalhos de um pintor clássico, como Sigand, logo nos primeiros dias todos os quadros são vendidos.